

EQUITAÇÃO

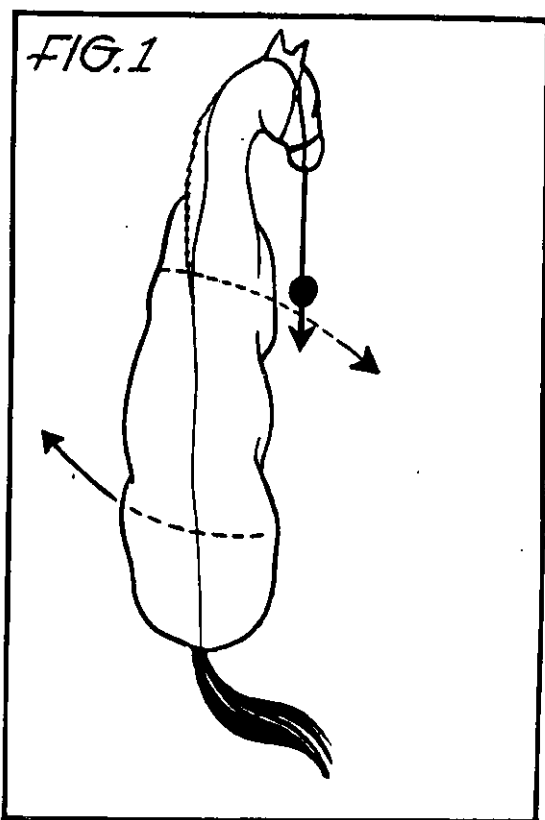
Neste número iniciamos um programa para um curso de equitação de oficiais

Pelo Cap. Dantas Pimentel

Programa para um curso de equitação de oficiais a ser executado durante sete ou oito meses.

Fins a atingir na educação do cavalo de oficial: — estar,

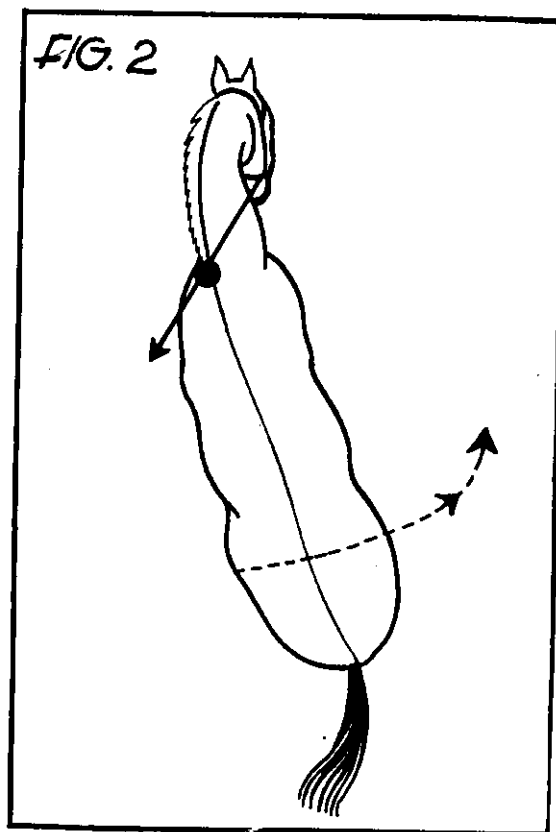
- 1º) calmo
- 2º) em músculo
- 3º) em condições de flexibilidade que lhe permitam executar as figuras regulamentares de picaideiro;



valo, ter sobre ele um grande domínio, porque o coloca numa posição e um equilíbrio tais, que o único movimento que lhe acode executar é o indicado e facilitado pelos gestos do cavaleiro.

O código de sinais é estabelecido por intermédio das rédeas, pernas e pé do corpo. Trataremos só do que vai interessar no programa do primeiro mês de trabalho, que é o que vamos estabelecer.

AS PERNAS sem estarem continuamente coladas ao corpo do cavalo devem estar tão perto que possam intervir sem perda de tempo. A sua ação deve partir de cima para baixo, do joelho para os talões e terminar na pincelada seca e nítida de esporas. Assim, o animal não será surpre-



4º) podendo marchar com destreza em terreno variado e galopar 3 quilômetros na velocidade de 500 metros por minuto sem ficar sufocado;

5º) com possibilidade de passar e saltar obstáculos naturais.

Cavalo calmo — será conseguido pelo trabalho metódico e pela serenidade que o cavaleiro deverá manter em todos os seus gestos.

Em músculos — virão eles si o cavaleiro não exigir demasiado e si esperar que o tempo e o treinamento produzam seus resultados. Viglar a alimentação. Desde que o apetite diminua, pensar logo num excesso de trabalho.

O cavalo trabalhado e flexionado é como o atleta, dá um grande rendimento de trabalho com o mínimo de fadiga e de usura, mas para o entendimento mútuo entre ele e o cavaleiro há necessidade de um código. Não convém porém que este código seja só convencional, mas deve ser organizado de modo a depois de bem compreendido pelo ca-

endido e agir em ordem. Procurar ter os joelhos bem descidos e o calcanhar mais baixo que a planta do pé.

AS RÉDEAS estarão sempre suavemente tensas e para ter a certeza de que poderá agir o cavaleiro terá as mãos

na altura do cepillo, NUNCA junto do corpo, ajustando para isso o comprimento de rédeas adequado. As rédeas por si nada valem, elas atuam em função de impulsão — que é tudo. Quando o cavaleiro sente que o domínio de uma rédea ativa está fraguando, não aumenta a ação de péso da mão, mas reclama das pernas uma maior dose de impulsão. Tratemos das rédeas que vão nos servir neste primeiro mês e compreendamos bem os seus efeitos.

Toda rédea que de um lado resiste á impulsão vinda do trás, é chamada rédea de oposição.

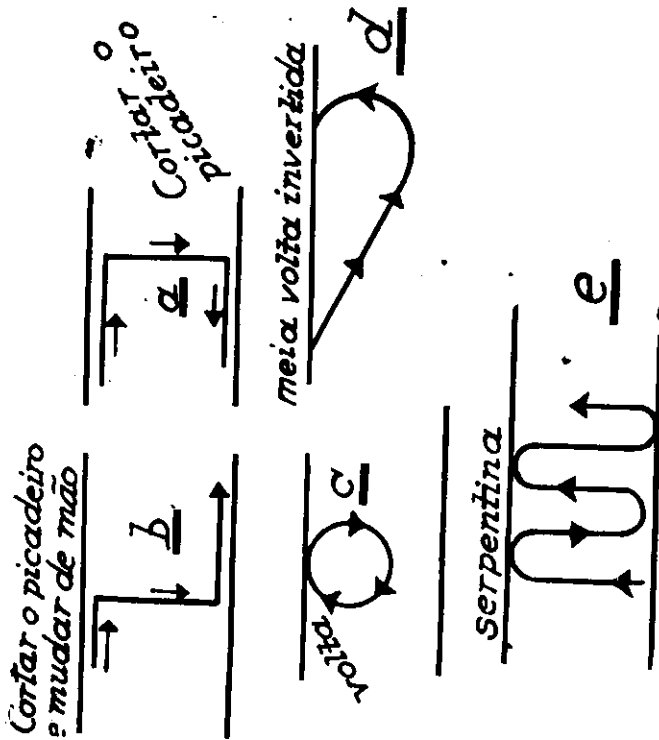


FIG. 3

Si esta resistência obriga o cavalo a voltar para o lado onde ela é aplicada, chama-se rédea direta de oposição.

Si a resistência obriga a voltar para o outro lado, recebe o nome de contrária de oposição.

Esclareçamos um pouco mais os efeitos dessas rédeas.

Rédea direita direta de oposição, por exemplo: atua paralelamente ao eixo do cavalo — trás as espáduas para a direita, mas principalmente joga a garupa a esquerda. (fig. 1).

Quanto maior for a impulsão, maior será a oposição feita pela rédea e mais energeticamente a garupa desviará a

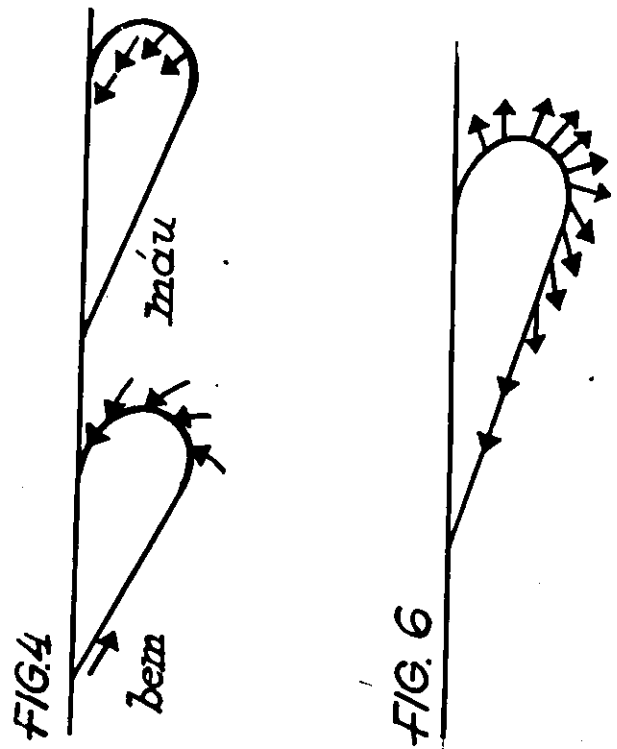
esquerda, obrigando o cavalo a voltar á direita. Vemos que a garupa percorrerá um caminho maior, que o ante-mão e que para facilitar esse jôgo de post-mão o animal será levado a se apoiar sobre as espáduas, baixando a cabeça. Podemos, pois, concluir que a rédea direita de oposição coloca o cavalo **ligeiramente sobre as espáduas**. Rédea direita contrária de oposição — o cavalo estando francamente impulsionado pelas pernas, dar á rédea uma direção levemente á esquerda, mas a frente do garrote. O pescoço se flexiona á direita, a garupa se desvia um pouco á direita, mas as espáduas serão **fortemente desviadas á esquerda**, tanto mais rápidamente quanto a ação dos posteriores for mais viva. Mas, para poder mover levemente as espáduas á esquerda, o cavalo será levado por si mesmo a engajar os seus posteriores, a se colocar sentado sobre a garupa (fig. 2)

Que base e que segurança as conclusões acima nos dão para resolvermos os nossos problemas equestres

E a rédea antagonista. Seu papel será simplesmente o de limitar a encurvatura do pescoço e concorrer na oposição. Ter o máximo cuidado que a sua intervenção extemporanea não destrua todo o efeito que procuramos com a rédea ativa.

O nosso cavalo não é muito sensível na perna e só conseguimos metê-lo ao trote aplicando uma força que avaliemos em 8, por exemplo.

Estando parado, apliquemos uma ação igual a 7, não conseguindo a partida ao trote em continuação a essa força 7 demos uma pincelada forte de esporas. Conservar os dedos polegares abertos afim de que as rédeas cedam o suficiente. A partida terá talvez sido ao galope com a che-



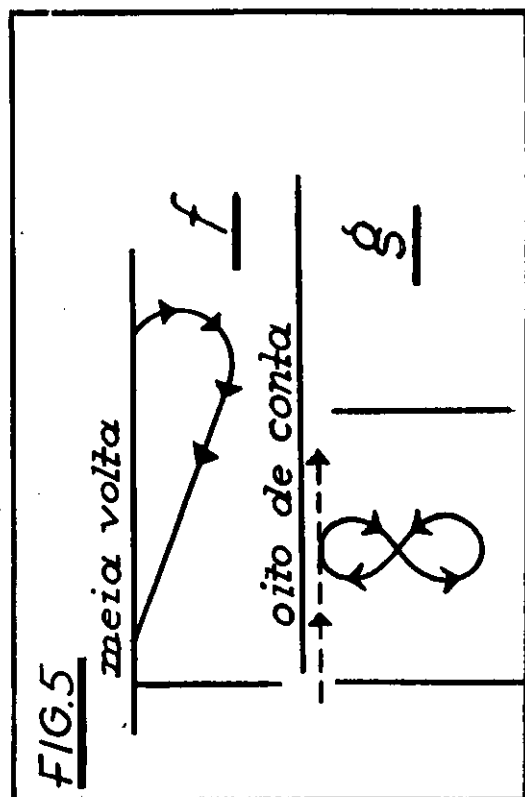
gada das esporas, deixemos andar uns 30 metros e passemos ao passo. Assegurada a partida com a pressão 7, desçamos para 6 pelo mesmo processo e assim até o ponto que julgamos cómodo e suficientemente fino. Conseguir todos os dias um progresso nesse sentido — domínio das pernas.

Iniciar sempre o trabalho de picadeiro por uns dois minutos ao passo e uns três no trote elevado, afim de distender o animal.

Passar em seguida á lição de impulsão (domínio das pernas) fazendo: alto — trote curto — alto — trote largo

— trote curto — passo — alto — passo — trote largo, etc. durante uns 10 minutos. Os tempos de trote devem ter tempo do trote ficar franco, isto é, uns 30 metros no cavalo iniciante.

Um minuto de passo com rédeas frouxas á vontade e abordar os flexionamentos de garupa. Quais as rédeas a serem empregadas — As diretas de oposição. Adotar, por exemplo, os desenhos dados na figura 3. Iniciar ao passo e, logo que possível, executar no trote curto sentado. As pernas iguais no papel de impulsadoras. Cuidar que a garupa tenha sempre um movimento mais amplo que as



espáduas e de vez em quando fazer um oito e partir com ação de pernas minimum conseguido. Para o alto, levantar as mãos na quantidade suficiente, cotovelos unidos ao corpo, dedos bem fechados, sem avançar um milímetro até o cavalo parar. Relaxar logo os dedos e baixar as mãos suavemente. Para partir, conservar as mãos baixas, mas os dedos moles.

Flexionar a garupa durante uns 10 minutos, 5 em cada mão.

No fim de pouco tempo, devemos sentir que a garupa se desvia facilmente para o lado contrário ao da rédea, principalmente na meia volta invertida. Ter o cuidado de resistir á tendência de aumentar a andadura nessa figura, o que facilitaria á garupa não se desviar (fig. 4).

Caso uma rédea seja menos obedecida que a outra, trabalhar mais nela, até conseguir igualá-las.

Um minuto de repouso, rédeas longas e passemos durante 10 minutos aos flexionamentos de frente. Trabalho nas rédeas contrárias. Rédeas numa só mão. Adotar o desenho da figura 5. Separar rédeas depois, mas cuidar em que a rédea passiva não intervenha numa ação direta, o que tiraria todo valor do trabalho.

Devemos nesse flexionamento perceber que as espáduas estão trabalhando mais e que seus deslocamentos são mais amplos do que os da garupa. Ter a preocupação de limitar os deslocamentos dessa, principalmente na meia volta. (fig. 6).

No fim de 8 ou 10 dias, logo que percebamos um certo desembaraço no nosso educando, ensinemos a recuar.

Façamos uma mudança de direção na rédea contrária, o que levará o cavalo a meter os posteriores em baixo do corpo e depois, logo depois, fazamos alto e recuar. Forçar o movimento numa ação calma, mas um pouco enérgica. Um passo conseguido, fazer alto e partir. Durante o recuar não usar das pernas. Neste primeiro mês não ultrapassar de uns três passos seguidos, e isso mesmo obtidos um a um. As rédeas devem ser intermitentes. Depois de cada passo aliviar a mão.

Será esse trabalho o que deverá constar no primeiro mês de picadeiro.

Duas vezes por semana, em sessões de cinco minutos, ensinar o cavalo a galopar em liberdade no picadeiro. O galope deverá ser enérgico, mas não afofado. Não colocar obstáculos. Conseguir que a voz seja obedecida. Trabalhar as duas mãos. Um dia por semana fazer um trabalho no exterior. O cavalo deverá subir e descer banquetas, rampas e passagens difíceis, mas a passo e seguro pela guia, o cavaleiro a pé. Deixar completa liberdade ao animal para ver onde pisa.

Exemplo de um horário:

Segunda-feira — 40 minutos de picadeiro.

Terça-feira — 20 minutos de picadeiro e 5 de galope em liberdade.

Quarta-feira — Idem á segunda-feira.

Quinta-feira — 30 minutos de picadeiro e uma hora de exterior.

Sexta-feira — 40 minutos de picadeiro.

Sabado — 20 minutos de picadeiro e 5 minutos de galope em liberdade.